

Uma distinção imprecisa: anti-judaísmo e antissemitismo

JEANNE FAVRET-SAADA
École Pratique des Hautes Études | Paris, França
favsa@clubinternet.fr

Tradução CLARA FLAKSMAN 

Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil
clarafleksman@terra.com.br

Revisor técnico MENSAN BENOIT LAWSON HELLU

Universidade Federal de Goiás | Goiânia, GO, Brasil
lawsonhellu123@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe204444

Resumo Contribuições acadêmicas sobre a responsabilidade das Igrejas no extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial contrastam o “antissemitismo” nazista (a aversão pelos Judeus como um grupo racial) com o “anti-Judaísmo” Cristão (a aversão cristã pela religião judaica), da mesma forma que poderíamos opor o novo ao antigo, o moderno ao tradicional, o político ao religioso, ciência à tecnologia. A autora mostra, usando quatro exemplos (León Poliakov, Hannah Arendt, Colette Guillaumin, Thomas Nipperdey e Reinhard Rürup), que essa discussão nos leva a ignorar as ações das igrejas no processo que levou da invenção do termo antissemita em 1879 à destruição dos Judeus pelos Nazistas.

palavras-chave Anti-Judaísmo, antissemitismo, León Poliakov, Hannah Arendt, Colette Guillaumin, Thomas Nipperdey & Reinhard Rürup.

A fuzzy distinction: Anti-Judaism and anti-Semitism

abstract Scholarly contributions on the responsibility of the churches for the extermination of the Jews during the Second World War contrast Nazi “anti-Semitism” (the aversion toward the Jews as a racial group) with Christian “anti-Judaism” (the Christian aversion toward the Jewish religion), as one would oppose the new to the old, the modern to the traditional, the political to the religious, science to theology. The author shows, using four examples (Léon Poliakov, Hannah Arendt, Colette Guillaumin, Thomas Nipperdey & Reinhard Rürup), that this distinction induces one to ignore the churches’ actions in the process that led from the invention of the word anti-Semite in 1879 to the destruction of the Jews by the Nazis.

keywords anti-Judaism; anti-Semitism; Léon Poliakov; Hannah Arendt; Colette Guillaumin; Thomas Nipperdey & Reinhard Rürup.



e204444

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe204444>

Introdução¹

Os termos “anti-Judaísmo” (a aversão cristã pela religião Judaica) e “antissemitismo” (a aversão pelos Judeus como um grupo racial) são onipresentes nas controvérsias acerca das responsabilidades das Igrejas no que diz respeito ao extermínio dos Judeus, assim como nos debates relacionados à Paixão de Oberammergau. Desde 1945, a maioria dos trabalhos sobre “antissemitismo” contrastaram este termo com “anti-Judaísmo”, como alguém oporia o novo ao antigo, o moderno ao tradicional, o político ao religioso, ciência à tecnologia. O uso destes termos no discurso científico levanta, porém, duas grandes dificuldades.

A primeira dificuldade está relacionada ao uso desses termos, nas ciências sociais, como conceitos analíticos, apesar dos muitos desentendimentos acerca de suas definições. De fato, um acadêmico pode argumentar que “anti-judaico” se refere somente à teologia Cristã, enquanto outro autor pode utilizar o mesmo adjetivo para se referir também à política discriminatória das igrejas levada a cabo do Século IV ao Século IX – o que é uma consequência de sua teologia. Da mesma forma, alguns autores defendem que os Catecismos do século XVIII eram “anti-semitas”, enquanto outros rejeitam o uso do termo antes da data em que ele efetivamente apareceu pela primeira vez (1879), enquanto o utilizam simultaneamente como um conceito analítico. Me parece que essa confusa prática deve ser evitada. Devemos, ao invés disso, utilizar os termos como aquilo que eles efetivamente são: elementos de um discurso nativo que, como tal, tem permissão para flutuar livremente. Eu irei, a partir de agora, grafá-los em itálico e sem aspas.

A segunda dificuldade diz respeito à atribuição antitética destes dois termos (o novo e o velho, o político e o religioso...). Essa operação mostrou-se frutífera na exploração do racismo anti-judeus e serviu como uma moldura para diversas pesquisas fascinantes. Porém, ela se torna um obstáculo epistemológico significativo quando utilizada para descrever a interação entre questões religiosas e raciais no século XIX. Darei quatro exemplos a seguir.

Léon Poliakov (1991a; 1991b), na última edição de seu impressionante *História do Antissemitismo*, constrói uma sucessão cronológica do anti-judaísmo ao antissemitismo: o primeiro volume, “a idade da fé” é seguido pelo segundo volume, “a idade da ciência”, terminando com *La solution finale*.² O autor é muito cuidadoso com a história empírica para usar essa oposição como mais do que meramente um modo conveniente de organizar a sua narrativa. Ainda assim, essa construção tem um efeito perverso, pois parece sugerir que a ciência dissolveu a religião e o antissemitismo ateu dissolveu o anti-judaísmo. Além disso, considerações sobre as ações das igrejas do século XIX em diante estão ausentes do segundo

¹ O texto foi originalmente publicado na seção Colloquia da revista *Hau* (vol. 4, n. 3), em 2014, sob o título de “A fuzzy distinction: Anti-Judaism and anti-Semitism (An excerpt from *Le Judaisme et ses Juifs*)”. Agradecemos os editores da revista pela autorização para publicação desta versão em língua portuguesa.

² N.E.: Como observou o editor do ensaio em língua inglesa, originalmente publicado em 2014, os títulos importam para a compreensão da obra de Poliakov e para o argumento de Favret-Saada. Os trabalhos do autor foram publicados em 1955 e 1977 e receberam uma edição em quatro tomos revisados em língua francesa em 1991, contudo a edição em língua inglesa apresenta apenas a versão original dos textos. Em língua portuguesa foram publicados outros trabalhos do historiador e, em que pese a curiosidade do leitor, *O Mito Ariano* e *Do Anti-sionismo ao Anti-semitismo* podem ser importantes contribuições para a perspectiva aqui apresentada. Ambos os títulos foram publicados no Brasil pela editora Perspectiva.

volume, o que parece sugerir que os Cristãos teriam se convertido massivamente para a ciência, a não ser que houvessem se unido às crescentes fileiras de ateus reacionários.

Em *The Aryan myth* [1996], Poliakov ainda assim reconhece que as eras da humanidade não são intercaladas por auroras e que o anti-judaísmo cristão não desapareceu, como que por magia, com a chegada da idade da ciência. Com a aparição do antissemitismo, “os sentimentos e os ressentimentos inextirpáveis do Ocidente Cristão deviam ser expressidos em um novo vocabulário” (ibid.: 194). Mas por que as paixões permanecem inextirpáveis, senão por que a cultura que as sustenta continua no lugar? Aqui me refiro ao complexo de representações e de costumes Cristãos referentes aos Judeus, difundidos e transmitidos por dezenove séculos por uma variedade de meios de comunicação: teologia, liturgia, leis, sermões, catecismos, educação familiar, opinião. É possível que haja poucos Cristãos indo à igreja durante a idade da ciência, mas as representações religiosas continuam moldando mentes.

Colette Guillaumin compartilha o ponto de vista de Poliakov em seu trabalho *A ideologia racista: gênese e linguagem atual* (2002[1972]), mas a defende com um dispositivo teórico espantoso, reforçando a oposição entre os dois períodos, e posicionando-os de maneira antagônica. De acordo com a autora, até o fim do século XVIII o mundo Ocidental incluía os Outros na unidade das espécies (humanidade): as igrejas, particularmente, ofereciam aos Judeus a conversão como uma maneira de escapar de maldições divinas. Mas, no século XIX, com o domínio da burguesia capitalista, o desenvolvimento industrial e a expansão colonial, provocou-se uma mudança radical nas mentalidades. “O antissemitismo sucede o anti-judaísmo, a raça sucede a religião. Uma diferença de raça é assumida no lugar da constatação de uma diferença religiosa.” (Ibidem: 10). A sucessão cronológica entre as duas formas de aversão, portanto, aponta para uma diferença quanto à visão de mundo: antes do capitalismo, as pessoas concordavam quanto à unidade da humanidade, e consequentemente na salvação potencial de qualquer um; depois do capitalismo, os indivíduos que pertencem à categoria socialmente construída “judeus” são encurralados em uma maldição biológica da qual não conseguem escapar.

As afirmações de Guillaumin se justificam quando se leva em consideração a declaração mais solene da doutrina Cristã: de fato, eles endossam o dogma da unidade da humanidade e afirmam o valor redentor da conversão. Mas basta examinar as políticas das igrejas, suas ações concretas em direção aos Judeus e as declarações dos clérigos – durante a idade da fé, mas especialmente durante os séculos XIX e XX – para ver que o assunto não está de maneira alguma esclarecido.

Consequentemente, podemos colocar estas questões, que se somam àquelas já levantadas pelo trabalho de Poliakov: o Cristianismo pode ser reduzido à declaração mais oficial de sua doutrina? Como devemos manejar as inúmeras situações em que a própria autoridade religiosa a transgrida? Qual é a relação entre a teologia e a política de uma instituição eclesial? Qual é a relação entre os vários níveis de enunciação eclesial: isto é, na Igreja Católica, entre as decisões dos conselhos, os artigos da lei canônica, as ordens do pontífice (entre as quais podemos encontrar muitas declarações contraditórias), a legislação dos estados papais, as intervenções dos Papas nos governos seculares?

Um terceiro exemplo: Hannah Arendt. Logo nas primeiras linhas de “Sobre o Antissemitismo”³ ([1951] 2004: 3) ela coloca anti-judaísmo e antissemitismo como fenômenos totalmente independentes:

O antissemitismo, uma ideologia secular do Século XIX – cujo nome, mas não cujo argumento, era desconhecido antes da década de 1870 – e o ódio religioso aos judeus, inspirado pelo antagonismo mutualmente hostil entre dois credos conflitantes, obviamente não são a mesma coisa; e até mesmo o limite de até onde o primeiro obtém seu argumento e seu apelo emocional do segundo é uma questão em aberto. (Arendt, 2004: 3).

Portanto, a ideologia política não tem nada em comum com a doutrina religiosa, nem a paixão antissemita com o ódio cristão aos Judeus. Seria, portanto, inútil procurar, tal como Jules Isaac teimosamente fez, pelas “raízes Cristãs do antissemitismo”⁴ – já que este só surgiu durante o crepúsculo do estado-nação, com a ascensão do imperialismo e a sua consequência, o totalitarismo. Portanto, o Cristianismo está fora de questão desde o início, considerado obsoleto desde o começo do prefácio de Hannah Arendt. O seu argumento geral é problemático (cf. Lefort, 1985); mas, além disso, como ela qualificaria as relações entre a Igreja Católica, o Judaísmo, e os judeus do Século XIX em diante? Não como anti-judaicas – é muito tarde para isso; não como antissemiticas, já que a religião não tem nada com isso. E, de fato, por que a autora estaria interessada em encontrar a terminologia correta, já que o Cristianismo acabou?

Nosso último exemplo. Thomas Nipperdey e Reinhard Rürup, em um dicionário histórico sobre ideias políticas alemãs reeditado diversas vezes, enfatizam a revolução cultural produzida através da invenção do antissemitismo. Os dois acadêmicos nos asseguram que eles estão apresentando a visão daqueles personagens históricos dos anos 1880 – que, curiosamente, já falam como Guillaumin e Arendt. “Antissemitismo – como era claro tanto para os membros dos vários grupos quanto para os seus oponentes – se referia a um inimigo entre os Judeus e o Judaísmo que era totalmente diferente da aversão tradicional aos Judeus que existia, à época, na Europa Oriental e no sudeste da Europa.” (Nipperdey e Rürup 1992 [1972]: 141-42).

Somente uma diferença se mantém, portanto, entre as pessoas do Século XIX e os teóricos do Século XX: as primeiras defendiam que o anti-judaísmo havia desaparecido das regiões civilizadas, mas que ele ainda persistia em alguns interiores de credulidade, nas

³ N. E.: Na edição brasileira essa seção é equivalente ao prefácio à primeira parte – “Antissemitismo”.

⁴ Hannah Arendt não o cita. Logo depois da exterminação dos Judeus pelos Nazistas, esse historiador extraordinário deliberadamente (intencionalmente?) cometeu um anacronismo se referindo a um “antissemitismo cristão” no século XV. Ele tentava mostrar que um fato social não precisa ser nomeado para existir: a cultura Cristã do “desprezo” (Isaac, 1964) e da perseguição aos Judeus já continha dentro de si aquilo que viria a ser nomeado antissemitismo. Embora eu concorde com ele com relação a isso, prefiro evitar este anacronismo.

fronteiras da Europa cristã. Mas fora isso, a concordância é total: o ódio religioso contra os Judeus teria desaparecido, tendo sido substituído pelo ódio racial.

É improvável, na minha opinião, que os europeus do Século XIX, mesmo os seculares, tenham proferido tais enunciados. Eles poderiam, é claro, ter testemunhado o anti-Judaísmo tradicional das publicações Católicas (que teria sobrevivido/sobreviveria sem esforço até o Segundo Concílio do Vaticano), mas o discurso clerical dos anos 1880 não se resumia a isso. Nessa época, alguém poderia perfeitamente se identificar como Cristão e como um anti-Semita: isso provoca um problema doutrinal, mas um cujo confronto é possível evitar. Nipperdey e Rürup excluem essa possibilidade:

O termo [“antissemitismo”] não somente fornece uma nova definição para um antigo inimigo: ele identifica um novo inimigo. Em primeiro lugar, ele designou uma forma secular para a aversão pelos Judeus e sua ideologia. Ele não direcionou a sua aversão para a sua religião, e não confiou na aversão dos Cristãos: a questão religiosa e a justificativa teológica se tornaram secundárias. (Nipperdey e Rürup, 1992 [1972]: 141-42).

Me parece que os autores sobrepuseram ao Século XIX suas próprias convicções com relação à impermeabilidade cronológica e conceitual entre as duas justificativas para o ódio contra os Judeus. É muito provável que essa fusão não tenha sido intencional, levando em consideração o quão difundida é essa ideia nas ciências sociais. Texto após texto, a vimos tomando forma e se reforçando: à sucessão empírica das “eras” (Poliakov), uma divergência radical de princípios foi adicionada (Guillaumin e Arendt); e, finalmente, Nipperdey e Rürup insistiram na mudança de alvo (não estamos mais falando sobre o mesmo Judeu). O único ator histórico do anti-Semitismo é, daí em diante, a burguesia capitalista: não as igrejas, os Cristãos, ou as religiões, que pertencem a um passado pré-moderno, ou seja, o passado pré-capitalista da Europa.

Depois de 1945, o desejo de entender o antissemitismo decorreu do pânico moral causado pela destruição dos Judeus Europeus pelos Nazistas: ninguém poderia escapar desse ímpeto, fosse ele reconhecido ou não. Alguns pensadores, como Poliakov ou Arendt, começaram suas pesquisas depois dessa revelação; Guillaumin, e Nipperdey e Rürup, o fizeram ao longo da década de 1960. Incansavelmente determinados a descobrir a sucessão de eventos (seja histórica ou lógica) que levou ao anti-Semitismo e ao genocídio, eles foram impedidos de perceber as ações das igrejas no processo devido ao seu paradigma teórico.

Três tipos de razões podem explicar a indiferença destes autores no que tange à questão pela qual eu estou interessada. Em primeiro lugar, eles estavam colocando o foco no resultado, a ideologia Nacional Socialista. Essa ideologia era, desde o princípio, antirreligiosa; e se o seu antissemitismo pegou emprestado diversos elementos do anti-judaísmo cristão, foi para circunscrevê-los em uma moldura muito diferente, uma moldura totalitária. Em segundo lugar, as ciências sociais da década de 1950 à década de 1970 tinham

como uma certeza livre de disputa que o declínio das religiões era resultado do advento da modernidade, apesar do forte movimento de despertar religioso que ocorreu no Século XIX. E, por último, o objeto real desses autores não era o anti-judaísmo cristão, já que para eles esse conceito simplesmente representava o papel de uma colisão que poderia suportar a sua construção teórica de antissemitismo.

Na verdade, o modelo oferecido para explicar o antissemitismo só errou porque os cientistas sociais que o desenvolveram se sentiram compelidos a ocultar a religião. Ignorando os avatares do termo anti-judaísmo no pensamento cristão, eles inadvertidamente adotaram uma distinção já cheia de pressuposições apologéticas.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. 2004. *The origins of totalitarianism*. New York: Schocken Books.
- GUILLAUMIN, Colette. 2002 [1972]. *L'idéologie raciste: genèse et langage actuel*. Paris: Gallimard.
- GUILLAUMIN, Colette. 1992. *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Paris: Côté-femmes.
- HILBERG, Raul. 1967. *The destruction of the European Jews*. Chicago: Quadrangle Books.
- ISAAC, Jules. 1964. *The teaching of contempt: Christian roots of anti-Semitism*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- LEFORT, Claude. 1985. "Hannah Arendt et le totalitarisme." In: EHESS - École des Hautes Études en Sciences Sociales. (Ed.). *L'Allemagne nazie et le génocide juif: Colloque 1982*. Paris: Gallimard e Le Seuil, pp. 517-535.
- NIPPERDEY, Thomas; RÜRUP, Reinhard. 1992 [1972]. "Antisemitismus." In: BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart. (Eds.). *Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland*. Stuttgart: Klett-Cotta, pp. 129-153.
- POLIAKOV, Léon. 1991a. *Histoire de l'antisémitisme. Tome 1: L'âge de la foi*. Paris: Seuil.
- POLIAKOV, Léon. 1991b. *Histoire de l'antisémitisme. Tome 2: L'âge de la science*. Paris: Seuil.
- POLIAKOV, Léon. 1996. *The Aryan myth: A history of racist and nationalist ideas in Europe*. New York: Barnes & Noble Books.

sobre a autora

Jeanne Favret-Saada

Etnóloga francesa nascida na Tunísia. Ocupou a cadeira de etnologia religiosa europeia na *École Pratique des Hautes Études*. Hoje interrompeu suas atividades profissionais, mas continua publicando sobre feitiçaria, acusações de blasfêmia e relação entre cristianismo e antissemitismo.

sobre a tradutora

Clara Flaksman

Doutora e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autoria: Jeanne Favret-Saada foi responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita. Clara Flaksman foi responsável pela tradução do ensaio para a língua portuguesa e comunicação com a autora.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 12/11/2022.

Aprovado para publicação em 23/11/2022.